

A contribuição do Islã para a ascensão da Europa ocidental

The contribution of Islam to the rise of western Europe

César Henrique de Queiroz Porto¹

Karine Rodrigues Dias²

Resumo: Esse texto tem como objetivo mostrar que a civilização engendrada a partir do Islã é complexa, plural e interagiu ao longo de sua história com outras tradições culturais, sendo inclusive, herdeira do legado grego-romano. O texto mostra que essa civilização, em seu período mais fecundo, possibilitou a transferência de saberes da Antiguidade Clássica e Oriental ao continente Europeu. Portanto, a despeito dos discursos eurocêntricos que construíram e deram visibilidade aos mitos que compõe o “Milagre Europeu”, temos que reconhecer que a civilização Islâmica – assim como outras tradições – contribui para a ascensão da Europa Moderna. Por fim, o texto chama a atenção para a necessidade de distinção entre o Islã e o Islamismo – este último, tomado aqui como sinônimo de Fundamentalismo.

Palavras-chaves: Islã. Europa Moderna. Antiguidade Clássica. Tradição.

Abstract: The objective for this text is to enlighten the complexity and plurality of the civilization built through Islam, and that it has interacted in the course of history along with other cultural traditions being, beside that, heir of Greek-Roman legacy. The text displays that such civilization, in its most fecund period, enabled the transfer of knowledge from Eastern and Classical Antiquity to the European continent. Therefore, despise the Eurocentric discourses that enabled and gave visibility to the myths that compound the “European Miracle”, we must acknowledge that Islamic civilization – as well as other traditions – contribute to the uprising of Modern Europe. Lastly, this text invoke to the need of a distinction between Islam and Islamism – the last, treated here as a synonym for Fundamentalism.

Key words: Islam. Modern Europe. Classical Antiquity. Tradition.

1 Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros.

2 Pós-Graduanda em História pela Universidade Estadual de Montes Claros.

INTRODUÇÃO

A grave crise internacional que emergiu a partir dos atentados ao World Trade Center de Nova York, perpetrados no dia 11 de setembro de 2001, colocou o Islã em evidência no noticiário internacional. A partir daí, principalmente os meios de comunicação, deram grande visibilidade à região que compõe o mundo muçulmano com uma intensidade muito grande, acima talvez de qualquer período ou evento que teve como cenário aquela área que se estende, grosso modo, do Marrocos à Indonésia.

Infelizmente, boa parte do material midiático, disponibilizado no ocidente após esse catastrófico evento, tem contribuído para obliterar a percepção acerca da civilização islâmica. Além do reforço de velhos estereótipos pelos quais o Oriente é visto, novos rótulos e generalizações foram acrescentados ao acervo Ocidental de imagens. Acima de tudo, o Islã é associado, pós 11 de setembro, ao fundamentalismo, à violência, ao terrorismo e à barbárie. Falando sobre a percepção de Islã no Ocidente, Edward Said afirma que:

(...) o que é definido atualmente como “Islã”, tanto na Europa como nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidades e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente. Contudo, isso é algo muito diverso daquilo que o Islã é realmente para os muçulmanos que vivem em seus domínios. Há todo o mundo de diferenças entre o Islã na Indonésia e no Egito. (...) Nessas circunstâncias, a coisa mais fácil e menos correta é dizer: isso é o mundo do Islã e veja como são todos terroristas e fundamentalistas, e veja também como eles são diferentes de nós (SAID, 2003: 333).

Sua origem não é recente. No mínimo, ao longo de boa parte do período moderno, o Ocidente representou o Oriente de modo caricatural e exótico, com um discurso denominado de orientalismo (SAID, 1990). Grande parte dessas representações acaba modelando o imaginário utilizado pelos grandes meios de comunicação que dominam a mídia atual. Essas imagens se ancoram em velhos preconceitos medievais que emergiram, principalmente, na Europa em função de sua longa história de hostilidade contra a civilização islâmica. Nenhuma ideologia ou entidade desafiou, de forma tão contínua, o Ocidente como o Islã. Nesse contexto, a religião dos muçulmanos foi definida como uma “religião da espada”, uma versão fracassada do cristianismo. Seu profeta, Maomé, foi acusado de charlatanismo e definido como um herege e impostor. Diante dessa islamofobia, ganhou força o mito da intolerância e do fanatismo dos seguidores de Maomé.

Para piorar a situação, o recrudescimento de uma corrente que interpreta a religião islâmica de forma belicosa e a letra corânica de forma literal, só tem servido para confirmar essa visão, incrustando-se no senso comum a ideia de uma religião de natureza opressora, conquistadora e politicamente violenta. Essa intolerância é sinônimo do que existe de mais conservador dentro do Islã. No mundo muçulmano, uma pequena parcela – mas barulhenta e perigosa – reage ao Ocidente e à modernização com métodos extremamente violentos e pouco tradicionais, dentro da história da formação e evolução da civilização Muçulmana. Essa minoria compõe o que a mídia, de forma generalizante, denomina como fundamentalismo islâmico (DEMANT, 2004)¹. O fenômeno é certamente muito mais complexo do que a imprensa sugere, pois a maioria dos muçulmanos não é fundamentalista e é preciso salientar que a maior parte dos fundamentalistas não faz uso da violência, portanto não são terroristas.

1 Para Peter Demant, o Islã Fundamentalista é uma ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidentalista, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante. Além disso, visa transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada no serviço a Deus para o estabelecimento de seu reino em toda a Terra.

Para Abdelwahab Meddeb, o integrismo é a doença do Islã. Os terroristas são representantes da civilização Islâmica, estão ressentidos pela destruição e estagnação de sua civilização. Ao criticar a violência e o fanatismo desses ‘integristas’ assevera que “é preciso compreender que a emergência desse Islã magro e pobre age em primeiro lugar contra o próprio Islã, enquanto civilização e cultura” (MEDDEB, 2003, p. 37). Isso porque, esse tipo de fundamentalismo acaba eclipsando a um só tempo a religião e a civilização em detrimento de seu projeto político. Acontecimentos como os atentados às torres gêmeas acabam obscurecendo a nossa compreensão do Islã como fenômeno histórico complexo. Eles nos afastam de suas potencialidades e possibilidades e confirmam o estereótipo que o fixa no papel do inimigo.

Tal interpretação equivocada do Islã é a melhor aliada de gente como Bin Laden e seus partidários. Meddeb em um capítulo de uma coletânea intitulada “O Islã entre civilização e barbárie” sugere que “uma das maneiras de lutar contra o fundamentalismo é devolver o Islã a sua complexidade e reconhecer sua contribuição para a Universalidade” (MEDDEB, 2004, p. 172). Para tanto, convém não reduzi-lo apenas a expressão política. É muito importante considerá-lo como civilização e religião antes de levar em conta sua vocação política.

METODOLOGIA

O presente artigo baseou-se em uma metodologia que privilegiou uma produção historiográfica referente ao tema, fundamentado principalmente em autores contemporâneos que partem de um debate histórico para compreensão do panorama atual do mundo islâmico, bem como para o entendimento de suas relações com o ocidente e a modernidade. A utilização dessa bibliografia, como fonte, nos permitiu evidenciar que existem laços bem estreitos que aproximam o Oriente muçulmano da civilização Ocidental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mundo Islâmico conheceu um grande momento de civilização e hegemonia. Ele possibilitou a emergência de valores civilizatórios a um apogeu

que a humanidade não conhecera antes. Fundamentalmente em um contexto onde a Europa se afastava de referências da antiguidade, “o Islã viria a ser o continuador desta” (MEDDEB, 2004, p. 176). Essa civilização é produto de uma síntese cultural que incorporou elementos de diversas tradições, embora prevalecendo uma linguagem comum e uma fé. William H. McNeill, também, enfatiza o Islã como Herdeiro da tradição cultural grega. Com a emergência do Império Árabe Muçulmano, ocorreu um realinhamento de fronteiras culturais dentro de um novo quadro político. Entretanto, para esse autor, somente depois do ano de 1.000 d.c começou um intercâmbio maior, o que possibilitou um ecumenismo cultural. Além disso, através das conquistas muçulmanas, ocorreu a expansão das comunidades civilizadas para regiões da África e da Ásia (MCNEILL, 1991, p. 418).

John M. Hobson, também, não negligenciou a contribuição Islâmica para a promoção dos saberes antigos. Ele vai mais longe. Para ele um dos aspectos mais significativos do Islã foi a sua inclinação para a atividade capitalista comercial e racional. Destaca, ainda, a importância do Leste muçulmano para o estímulo da economia europeia na conjuntura do período medieval. A ascensão dos poderes extensivos e intensivos islâmicos possibilitou que o Islã atuasse como um “pioneiro globalizante” (HOBSON, 1993, p. 35). O mesmo autor cita uma lista bastante expressiva de inovações tecnológicas e produtivas que foram cruciais nesse processo: astrolábio, tecidos, tinturas, refinamentos de açúcar, manufaturados, cerâmicas, moinhos de vento e de água, etc.

Portanto, para nós é um fato incontestável que a civilização islâmica não foi algo estático, imutável. Em seu período de apogeu, foi produtora e transmissora de conhecimentos, técnicas, ciência e saberes. Tão pouco sua religião foi opressora, empobrecedora ou regressiva a ponto de bloquear as possibilidades econômicas e culturais do sujeito islâmico. Essa tradição polifônica, interrogativa e plural é esquecida completamente por aqueles que instauram o fanatismo e a intolerância no coração do Islã. Nesse sentido, é preciso ter muito cuidado para não confundir o Islã com sua deturpação, o islamismo. Esse último é sinônimo de intolerância, radicalismo e, em alguns casos, infelizmente de violência.

Então, a civilização Islâmica, também, é herdeira do legado cultural grego-romano. Portanto, sob esse ponto de vista, comunga, em parte, de uma mesma tradição cultural que o Ocidente. No período o período Abássida (750-1258), os muçulmanos mostraram-se bastante receptivos, do ponto de vista cultural. As suas elites se esforçavam para promover a absorção da herança cultural do mundo antigo. De acordo com Richard Fletcher:

Os estudiosos islâmicos também podiam recorrer à sabedoria acumulada e à competência da antiguidade Grega e Persa, da Índia e da China. Foi o que eles fizeram, no início do período Abássida, com um entusiasmo incrível. A essa fase de absorção seguiu-se uma explosão de criatividade intelectual – especialmente nas áreas da Filosofia e das Ciências que teve conseqüências de longo alcance para o desenvolvimento da civilização (FLETCHER, 2004, p. 47).

A capacidade de englobar, absorver outras culturas foi um dom da expansão Islâmica. No já citado período do califado abássida (750-1258), essa civilização entrou em contato, simultaneamente, com as fronteiras da Europa Ocidental, de Bizâncio, da China e da Índia. Conforme exposto por Meddeb (2004, p. 185):

[...] contigüidade com a diversidade trouxe a língua Árabe o privilegio de chegar às áreas abarcadas pelo latim, pelo grego, pelo chinês e pelo sânscrito, que se somaram aos territórios integrados que puseram à disposição os saberes em língua Persa, siríaca, aramaica, hebraica e demotica. O Islã uniu essas tradições heterogêneas, unificou-as e revigorou-as (MEDDEB, 2004, p. 185).

Portanto, temos na civilização islâmica a continuadora de uma tradição cultural fundada na Antiguidade. Vale destacar, conforme as citações, que essa continuidade não se restringe à participação romana ou grega. Grande parte das inovações técnicas que chegaram aos europeus por essa “transmissão” foram provenientes da Ásia. Para exemplificarmos, podemos citar o papel que veio da China e os números de-

nominados “árabicos” que vieram da Índia. Outro aspecto relevante sobre a interação entre essa cultura e as outras civilizações é salientado por Bernard Lewis. Para Lewis

As realizações da ciência islâmica medieval não se limitaram à preservação do saber grego nem à incorporação a esse acervo de elementos do Oriente mais antigo e distante. A herança que os cientistas dessa época transmitiram ao mundo moderno foi imensamente enriquecida pelos seus próprios trabalhos e contribuições. A ciência grega, no geral, tendia a ser muito teórica. A do Oriente Médio foi muito mais prática e, em campos como a medicina, química, astronomia e agronomia, a herança clássica foi esclarecida e suplementada pelos experimentos e observações que fizeram. Um bom exemplo desse processo pode ser visto na matemática. Os chamados números árabicos – a numeração segundo a posição, com um sinal para o zero – vieram da Índia, mas foi no Oriente Médio que, no séc.IX, tornaram-se o ponto de partida da nova aritmética. Embora baseada em ensinamentos gregos e influenciada pelos indianos, seus praticantes acrescentaram, muita coisa nova e original, tanto na prática – em levantamentos topográficos, construção civil e fabricação de armas – quanto teórica. A trigonometria constituiu, na maior parte, e a álgebra, inteiramente, inovações do Oriente Médio medieval. Entre os inovadores mais famosos destacou-se o algebrista Umar (Omar) Khayyam (falecido em 1131), famoso no Oriente por seus trabalhos matemáticos e, no Ocidente, por seus quartetos, improvisados em momentos de ócio (LEWIS, 2004, p. 237).

Temos aqui, uma boa constatação de que o islã foi criativo e produtor de ciência e não apenas um mero copador do legado clássico e oriental – especialmente indiano e chinês. A matemática foi elevada a uma altura jamais alçada. Na medicina, os trabalhos de Ibn Sina (980-1037), conhecido na Europa como Avicena, dominaram durante séculos os estudos médicos europeus.

Em nossos dias, o panorama do mundo muçulmano nos parece politicamente e militarmente infeliz, pontuado pelo fracasso de suas experiências modernizadoras e pela derrota (LEWIS, 2002). Contudo, o Islã conheceu grandes realizações desde cedo. Muitas dessas realizações contribuíram para a emergência da civilização Ocidental, a partir do medievo tardio. Bagdá, metrópole do Islã e a capital Abássida, foram palco de um extraordinário avanço político e intelectual, principalmente até o século XIII. Os califas dessa dinastia conseguiram reunir, nessa metrópole muçulmana, grandes sábios do mundo, como o filósofo Al-Kindi e o matemático Al-Khwarizmi, estabelecendo uma iniciativa decisiva para o avanço do conhecimento do Islã.

Edward Said, discutindo acerca da complexidade e da diversidade da civilização islâmica, também estabeleceu conexões profundas entre essa tradição e a Europeia. Para ele, o ocidente recorreu ao humanismo, à ciência, à filosofia, à sociologia e à historiografia do Islã, que já tinha se colocado entre o mundo de Carlos Magno (fins do século VIII e início do século IX) e a Antiguidade Clássica. O Islã está dentro do Ocidente desde o começo, e até mesmo Dante, o grande inimigo de Maomé, concordava com isso quando colocava o profeta no próprio centro de seu inferno (SAID, 2003, p. 47).

Aqui, também, temos as mesmas premissas: em primeiro lugar, o mundo muçulmano como herdeiro do legado antigo. E, por último, a constatação de que a civilização que emergia a partir da Europa, no período Medieval, recebeu empréstimos culturais da tradição clássica, via transmissão do Islã.

Paul Kennedy, ao estabelecer comparações entre o mundo muçulmano e a Europa por volta do início da Idade Moderna, aponta uma série de aspectos cruciais que demonstram a superioridade dessa civilização. Ele infere que:

Durante Séculos, antes de 1500, o mundo do Islã esteve cultural e tecnologicamente a frente da Europa. Suas cidades eram grandes, bem iluminadas, com esgotos e algumas delas tinham Universidades e Bibliotecas, e Mesquitas de espantosa beleza. Nas matemáticas, cartografia e na indústria – nos moinhos, fundição de canhões, faróis, criação de cavalos – os Muçulmanos vinham ocupando a liderança (PAUL, 1989, p. 20).

É interessante observar que esse mesmo autor, também, converge com os outros na afirmação de que uma parte considerável do legado cultural e científico da Europa foi, de qualquer modo, “tomado emprestado” do Islã (PAUL, 1989, p. 14).

Além de Bagdá, como grande centro cultural e científico do Mundo Islâmico, podemos acrescentar um outro, cuja importância para o Ocidente Medieval foi inegável. O Al Andalus – A Espanha muçulmana no período medieval – funcionou como uma autêntica ponte cultural, introduzindo na Europa, por volta dos séculos XII e XIII, não somente a ciência e a filosofia Árabes, mas também parte da filosofia grega, principalmente a obra de Aristóteles. Os sábios andaluzes tiveram acesso a uma grande variedade de obras científicas de seu tempo, escritas em Árabe, Hebraico, Grego ou Latim. Nesse processo de transmissão cultural, a escola de tradutores de Toledo teve um papel fundamental. Suas traduções, praticamente, abrangem todo o campo científico daquela época. Por isso, graças a essas traduções, a Europa pode conhecer tanto as obras dos filósofos, matemáticos, médicos e astrônomos gregos quanto as de seus comentadores e competidores Árabes (BADAWI, 1992).

CONCLUSÃO

Então, para nós, é um fato praticamente indiscutível que o Islã é uma civilização dinâmica e complexa, cujo apogeu foi vivenciado durante o período abássida e se prolongou alguns séculos mesmo após a fragmentação do califado – pelo menos até o século XVI. Essa civilização se nutriu de diversas tradições – Persa, Grego-romana, bizantina, chinesa, indiana – e enriqueceu esse legado com contribuições originais e importantes. Uma parcela significativa dessa herança foi transmitida à Europa Ocidental, ainda no período medieval, e contribuiu para transformações importantes processadas nesse continente o que vai possibilitou aos Europeus uma grande arrancada no início do período moderno rumo ao desenvolvimento de suas bases técnicas, científicas, militares e econômicas. Enfim, a civilização islâmica é algo bem diverso daquilo que os fanáticos e extremistas apregoam.

REFERÊNCIAS

- BADAWI, Abdurrahman. A escola de Toledo. In: *Revista o Correio da Unesco*. Rio de Janeiro: UNESCO, ano 20, n. 2, 1992.
- DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLETCHER, Richard. *A Cruz e o crescente: cristianismo e islã, de Maomé a reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- HOBSON, John M. *The Eastekn Origins Of Western Civilization*. Cambridge: University Bookstore, 1993.
- LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *O que deu errado no Oriente Médio?* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. *A Crise do Islã: guerra santa e terror profano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MCNEILL, Willian H. *The Rise of the west. A history of The Human Community*. Canada: University of Chigageo Press, 1991.
- MEDDEB, Abdelwahab. *A doença do Islã*. Belo horizonte: UFMG, 2003.
- _____. O Islã entre civilização e Barbárie. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PAUL, Kennedy. *Ascensão e Queda das Grandes Potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- SAID, W. Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.